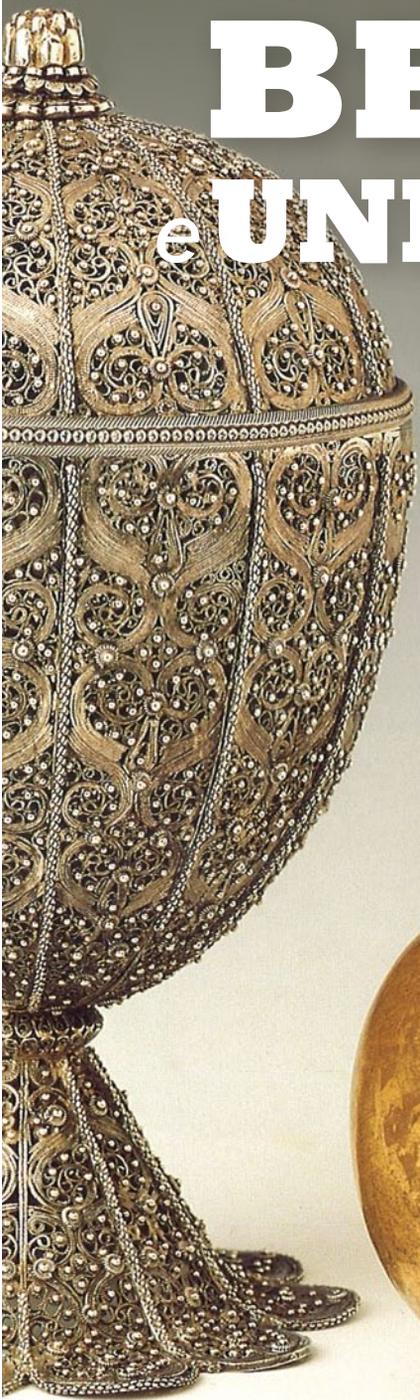


BEZOAR e UNICÓRNIO

*Venenos e Antídotos:
entre Mito e História,
Arte e Ciência*

8 de NOVEMBRO de 2012
Museu da Farmácia no Porto



PROGRAMA

10:00 | ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE – JOSÉ SÍLVIO FERNANDES (Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro)

A Pedra Bezoar e o Unicórnio nos Comentários de Amato Lusitano a Dioscórides

Pedras bezoares e chifres de unicórnio, pelas múltiplas e miraculosas propriedades que lhes foram atribuídas desde tempos muito recuados, granjearam uma fama e um interesse, a todos os títulos extraordinários, sobretudo a partir do século XVI. Amato Lusitano é um autor marcante neste movimento, porquanto aquilo que escreveu sobre estas substâncias nos seus *Comentários* a Dioscórides (Veneza, 1553) marcou um recrudescimento do interesse sobre a origem e as extraordinárias virtudes medicinais atribuídas a estas matérias valiosíssimas em toda a Europa.

A partir da análise dos textos de Amato Lusitano, sem excluir o recurso a outras fontes anteriores e posteriores, procuraremos definir e comprovar o papel decisivo que o médico albacastrense desempenhou na divulgação, comercialização e aplicação terapêutica da pedra bezoar e do unicórnio, no quadro do contributo decisivo dado pelo Humanismo Português de Quinhentos para a revolução cultural e científica que abriu as portas da Modernidade.

10:30 | ANTÓNIO COUTINHO (Centre of Functional Ecology – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Univ. de Coimbra)

Os Envenenamentos Vegetais na Antiguidade e no Renascimento - alguns casos de estudo

As origens das intoxicações humanas de origem vegetal perdem-se na noite dos tempos. Na verdade, desde sempre que a alimentação humana compreende espécies do Reino Plantae, e, de entre elas, um número não desprezável provoca, em quem as ingere - ou, por vezes, de outras formas as contacta - efeitos mais ou menos graves para a saúde. Tais efeitos, testemunhados ou experimentados, foram transmitidos, ao longo da cadeia das gerações, por uma longuíssima tradição oral, e, já nos tempos históricos, passados a escrito. Na Palestina, Grécia e Roma Antigas como durante o Renascimento, várias substâncias, extraídas das plantas, foram responsáveis por numerosos envenenamentos humanos, acidentais ou propositados. O conhecimento empírico das toxinas de origem vegetal e dos seus danos, bem como das substâncias tidas como seus antídotos, constam das fontes desses períodos históricos, e deu origem, pelo menos de forma parcial, a diversas obras bem conhecidas, algumas das quais, de elevado valor literário. Na presente comunicação, serão analisados, à luz dos conhecimentos científicos actuais, diversos casos de estudo sobre intoxicações humanas ocorridas durante a Antiguidade e o Renascimento.

11:15 | CARLOS M. M. AFONSO (Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto)

Dos Venenos aos Fármacos

Venenos e toxinas naturais sempre atraíram a atenção dos humanos. Para além do mistério e mitos que os acompanham, têm despertado um interesse crescente na comunidade científica. Os venenos podem considerar-se como vastas bibliotecas de substâncias biologicamente ativas que, provindo do espaço biológico e tendo sido aperfeiçoadas pela evolução ao longo de milhares de anos, são capazes de atravessar os compartimentos biológicos e de interagir de forma perfeita com alvos farmacológicos. São vários os venenos e toxinas que apresentam atividade farmacológica e que possuem potencial interesse terapêutico. Perceber e justificar biológica e quimicamente as suas ações terapêuticas e tóxicas é da maior importância para o avanço do conhecimento científico. Muitas toxinas presentes em venenos têm servido de substâncias de partida para o planeamento e desenvolvimento de novos fármacos. Vários medicamentos têm como substâncias ativas moléculas baseadas em toxinas. Sendo substâncias ancestrais, os venenos e as toxinas ocupam hoje um lugar relevante na ciência do séc. XXI, como fonte de novas moléculas e esperança para a descoberta de fármacos verdadeiramente inovadores.

11:45 | LUÍS MENDONÇA DE CARVALHO (Museu Botânico do IPBeja; CEHFC – Univ. Évora; CHAM – Univ. Nova de Lisboa)

Unicórnio – Simbologias e Metamorfozes

Embora seja vulgarmente associado à Idade Média, período durante o qual a sua popularidade atingiu o apogeu, o unicórnio tem uma história muito mais antiga. Encontram-se representações deste animal mítico nas civilizações clássicas que floresceram nas margens do Mediterrâneo, no Norte da Europa, no Médio Oriente ou na China. Na nossa apresentação, discutiremos a história cultural do unicórnio, as transformações do seu mito e a simbologia que a ele se associa. Apresentaremos os fundamentos teológicos que estiveram na génese da iconografia cristã na qual o unicórnio é identificado com Cristo e exemplos, na arte e na literatura europeias, do uso profano do unicórnio.

14:30 | ANNEMARIE JORDAN GSCHWEND (Research Scholar, CHAM, Lisboa e Suíça)

Bezoars, Unicorns and the *Gran Bestia*: Medicine and Occultism at the Court of Catherine of Austria
A recently discovered letter in Rome, written by the Emperor Ferdinand I to his sister, Catherine of Austria, the queen of Portugal, describes the gift of a large hoof belonging to a marvelous beast he was sending her. This letter is unique because Ferdinand describes this mythical beast living in a remote area in Poland and Lithuania, of how his relation, the Polish King Sigismund II Augustus (1520-1572), killed the creature, and the curative properties associated by possessing such a *pata*. The *Gran Bestia* was thought to cure heart palpitations, epilepsy, gout, headaches and other ailments. This was the first of several *Gran Bestia* hoofs and griffin claws (*uñas*) Catherine would receive from Central Europe for her apothecary and wardrobe, some of which were ornamented and displayed in her *Kunstkammer*. Catherine's superstition underscores her true belief in the healing powers of such fantastic creatures.

This paper will take a close look at the medicines, magical potions, recipes, unguents, salves, plants, spices and animal parts acquired during the course of Catherine's long reign, the manner in which these drugs benefitted the Lisbon court, their function and use in the daily life of this queen, her royal family and her household.

15:00 | JAMES W. NELSON NOVOA (Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” da Universidade de Lisboa)

António Pinto: Portugal's man in Rome and purveyor of unicorns in the Roman court

The paper deals with António Pinto, who, for twenty years (1559-1579) was the secretary to the Portuguese ambassador in Rome and for a time (1583-1588) under the Habsburgs, the nation's agent, its highest diplomatic representative in Rome. A cleric from Mogadouro of New Christian origin he was also a respected figure in the Roman Curia, occupying several important offices. He was also sought after by key figures in the Papal court, among them, pope Gregory XIII himself, to provide exotic objects, bezoar stones and unicorn horns, undoubtedly thanks to his connections to Portugal's overseas territories in Asia and Africa. It will explore the figure of Pinto, the interest in the papal court for these objects and the possible role of Portuguese merchants in Rome as suppliers of them.

15:45 | JOÃO NETO – PAULA BASSO (Museu da Farmácia) Bezoares e Unicórnios, Venenos e Antídotos na Coleção do Museu da Farmácia

Na coleção do Museu da Farmácia, podem ser admirados objectos tão raros e cobiçados como bezoares e unicórnios, testemunho do engenho humano na descoberta de antídotos contra poderosos venenos.

A pedra de bezoar, como amuleto, também protegia das doenças e, sendo um objecto tão valioso, os boticários jesuítas conceberam o medicamento secreto conhecido como a Pedra de Goa, versão executada pelo homem das Pedras de Bezoar, às quais eram incorporadas outras substâncias medicinais.

O corno de unicórnio, animal mitológico e pertencente ao bestiário medieval, cujas raspas eram utilizadas em farmácia, como poderoso antídoto e como medicamento para diversos males, pode também ser conhecido numa visita ao Museu da Farmácia.

16:15 | CHRISTOPHER J. DUFFIN (Natural History Museum, South Kensington, London, UK)

Apothecarial alicorn: symbol and simple

The Greek physician Ctesias (5th century BC) recounted contemporary Persian beliefs of white Indian animals which had a dark red head and bluish eyes, with a white horn, black in the centre and flaming red at the pointed tip, issuing from their forehead. Drinking water from cups fashioned from the horn supposedly cured convulsions, epilepsy and poison. Reinforced by the writings of Aristotle and Aelian and seemingly given credibility by Biblical references, the unicorn, in various guises, became firmly established in the mythologies of Europe, China, India and the Near East. The unicorn was thoroughly embraced by artistic, religious, and folklore traditions, but the 12th century German abbess, Hildegard von Bingen, was the first to give an extended account of unicorn medicines, commending pulverised liver against leprosy, and the wearing of belts and shoes of unicorn leather as prophylactics against diseases and fevers. The horn of the unicorn was held in the highest esteem; artistic reconstructions of the animal from older descriptions showed that it could not drink from a stream without touching and 'healing' the water with its powerfully therapeutic horn. Increasing popularity of the horn as an alexipharmic and antidote to poisons through the 15th to 17th centuries led to increasing demand and rapidly inflating prices. Debate raged as to which was the 'true unicorn' (*unicornum verum*), narwhal tusks or mammoth ivory (*unicornu fossili*); shavings and powders of both were incorporated into a bewildering array of medicinal mixtures whilst fakes and fraudulent alternatives began to flood the markets. Complete horns displayed at dispensing premises were badges of authenticity incorporated into the armorials of apothecarial societies. Similar display specimens were limited to the royalty and nobility who might also use specially decorated *contraveleno* goblets fashioned from the horns. Particularly popular in plague medicines, the use of alicorn simples declined to extinction with the increasingly empirical approach to pharmacy of the mid-eighteenth century.

17:00 | VISITA AO MUSEU DA FARMÁCIA

Deite de Narval ou «Corno de Unicórnio». França, Séc. XVIII
Marfim e metal dourado, Nº Inv. 7035 – Museu da Farmácia

O Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, em parceria com a Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto Benveniste” da Universidade de Lisboa, com a Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto e com o Museu da Farmácia, uniram esforços com o objectivo de proporcionar uma reflexão alargada sobre uma matéria – bezoar e unicórnio –, que ao longo dos séculos exerceu sobre o Homem um imenso fascínio.

A ideia de organizar este colóquio internacional sobre ‘bezoares e unicórnios – venenos e antídotos’ surgiu no decurso da execução do projecto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, cujo principal objectivo é a edição e tradução para português dos dois livros que o médico albacastrense dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes* (Veneza, 1553). Amato Lusitano aborda, com algum pormenor, as propriedades da pedra bezoar e do chifre de unicórnio (quer seja propriamente a presa de narval ou a de outros animais). Este testemunho constitui-se, assim, no ponto de partida de uma ampla e fecunda exploração do tema, na qual confluem vários saberes complementares (Arte, Farmácia, Filologia, História, Literatura e Medicina).

Organização no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (Investigador Responsável: Prof. Doutor António Manuel Lopes Andrade), financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCOMP-01-0124-FEDER-009102).

Comissão Científica e Organizadora

António Manuel Lopes Andrade (CLC – UA)

José Sílvio Fernandes (CLC – UA; UMA)

A. A. Marques de Almeida (CESAB – UL)

Carlos M. M. Afonso (FF – UP)

João Neto (Museu da Farmácia)

Organização:



universidade de aveiro



INOVACÃO E COOPERAÇÃO



Centro de Línguas e Culturas



FACULDADE DE FARMÁCIA
UNIVERSIDADE DO PORTO



MUSEU DA FARMÁCIA

Apoios



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



COMPETE
PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2020



UNIÃO EUROPEIA
de 2000 a 2020 Cresça